

A NUVEM PRESENTIDA: A “LITERATURA DO FUTURO” NA CRÔNICA DE MOREIRA CAMPOS

Eduardo Luz¹¹

Resumo

A partir de cinco estratos da crônica de Moreira Campos, desenvolve-se uma reflexão sobre a inquietação do cronista em relação à iminente - e hoje corrente - mudança do paradigma de leitor. O cronista é reflexivo e tem um método de escrita caracterizada pela contemplação e pela imersão nos mais diversos temas, atitudes hoje raras, num mundo acelerado pela cultura informatizada. Não escapou ao cronista a percepção do desinteresse da juventude pela leitura e o isolamento da tecnologia em relação ao humanismo, fato que parece esboçar o surgimento de uma nova elite: a dos leitores. Para ele, a velocidade da vida moderna (ou já pós-moderna) moldaria a literatura da época. No entanto, essa velocidade não deixa de encontrar resistência, a exemplo de movimento Slow Movement, que busca o resgate dos valores humanos ameaçados pela coerção deixada pela revolução tecnológica.

Palavras-chave: Crônica. Moreira Campos. Literatura e cultura. Contemporaneidade.

Abstract

From five strata of Moreira Campos' chronicle, it is developed a reflection on the restlessness of the chronicler about the imminent - and now current - change of reader paradigm. The chronicler is reflective and has a writing method characterized by contemplation and by immersion in various themes, attitudes rare today in a world accelerated by computerized culture. It has not escaped to the chronicler the perception of youth's disinterest for reading and the technology isolation in relation to humanism, a fact that seems to outline the emergence of a new elite: the readers. For him, the speed of modern life (or already postmodern) would shape the literature of the time. However, this speed finds resistance, like the Slow Movement, which seeks to recover human values threatened by coercion left by the technological revolution.

Keywords: Chronicle. Moreira Campos. Literature and Culture. Contemporaneity.

“Fiz um curso de leitura dinâmica e li *Guerra e paz* em vinte minutos. Tem a ver com a Rússia.”
(Woody Allen)

O desenvolvimento deste ensaio dar-se-á a partir do destaque a cinco extratos de crônicas escritas por Moreira Campos. Desde já, esperamos que o leitor admita, irrestritamente, a identificação entre o *eu* da crônica e o *eu* biográfico de Moreira Campos, os quais, assim fundidos e confundidos, tomam-se liberados de ressalvas técnicas impertinentes, deixando livre o campo para o que sensivelmente nos

¹¹ Professor de Teoria Literária, no Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará (UFC).

interessa: a “literatura do futuro”, reflexão insinuada por nosso mestre do conto e que será examinada a partir de agora.

A OBSERVAÇÃO

Em 7 de maio de 1988, no jornal *O Povo*, foi publicada a crônica de Moreira Campos que se iniciava assim:

Manhã. Estou aqui, só, com o meu cigarro à espera de alguém que visito. Chove, ou melhor dito, choveu. E a grande acácia em forma de latada e as outras plantas gotejam ainda, choram como eu me choro decerto. É que me transporto a manhãs levadas da minha infância, que já vai distante, com asas de insetos nas calçadas. Insetos que se perderam exatamente porque criaram asas, ora vejam! É evidente que, nesta poltrona de vime, espero em frente ao jardim interno da casa, bem cuidado. (CAMPOS, 2013, p. 87-88).

Nesse pequeno extrato, destacam-se duas referências ao ato de o contista “esperar”, e fazê-lo sozinho, fumando. Ele, então, observa as plantas úmidas, fecha seu olhar sobre as gotas da chuva e... remete-se à própria infância, viajando até ela com asas de insetos, paradoxalmente caídas nas calçadas lembradas.

Pontua, inicialmente, a ideia de que, quando desaceleramos, o mundo que nos rodeia atrai mais detidamente nossa atenção, e assim os acontecimentos ou desacontecimentos à nossa volta impulsionam e avivam a imaginação. Sob outra perspectiva, temos no extrato a descrição simbólica de um método de escrita, que valoriza a contemplação e a imersão, pressupondo um texto que propõe isso e aquilo a seu leitor, cuja mente calma e linear compreende a lentidão como indispensável à sua experiência de processamento de informações. Sabemos, hoje, que o homem *evoluiu* para a lentidão, com seus “neurônios da demora”, cuja função é unicamente retardar em milésimos de segundo a transmissão neuronal, para melhor sintetização dessas informações (WOLF *apud* MIEDEMA, 2011, p. 98).

Procedamos, agora, a um exercício lúdico possivelmente reprovável aos olhos de Moreira Campos, que lá se encontra, em 7 de maio de 1988 – data da crônica – , com seu Fusca e sua máquina de datilografia. Transportemos o contista para o dia de hoje (21 de maio de 2014) e depositemos um computador de mão no bolso de seu paletó. Que aconteceria a nosso mestre, na cena da “espera” retratada no extrato? Na tela de seu computador, há inúmeros elementos que suplicam por ser arrastados e soltos; há outros tantos que imploram para ser vistos, lidos, ouvidos... E – você e eu sabemos – há reforços psicológicos positivos, como forma de recompensa, que encorajam a tomada

e a retomada desses elementos. E mais: essas gratificações impõem uma interconectividade generalizada e levam a que todos vivamos logados – e “os outros” sempre interessaram a Moreira Campos. Trazido até nós, vivendo dias como o de hoje, que teria sucedido à profundidade de imersão de sua mente linear, focada, literária? Teria ele se tornado um hábil caçador on-line? E, ao fim, consideradas as águas do texto, haveria ele de renunciar ao mergulhador que fora para ser um windsurferista? Nunca saberemos, mas seu texto seguramente teria características novas, seria o que chamou – embora sem chegar a conhecer o infoparaíso – de “literatura rápida, una”. (CAMPOS, 2013, p. 390).

1 A CONCENTRAÇÃO

Leiamos o início da crônica de 20 de maio de 1989: “Eu estava na varanda da casa de minha filha Natércia, a contista. Fumava o meu cigarro e entregava-me aos meus pensamentos, quando tenho o hábito de ficar olhando para o bico do sapato, perdido, alheado.” (CAMPOS, 2013, p. 175). Aqui, como no extrato anterior, o escritor deixa-se levar por seus pensamentos, enquanto fuma. São incontornáveis estes versos de Mário Quintana: “Desconfia dos que não fumam: / esses não têm vida interior, não têm sentimentos”. Assim, fixando o olhar no bico de seu sapato, “perdido, alheado”, nosso mestre está em processo de criação, organizando experiências vividas e reafirmando a tradição intelectual da concentração artística. Ele está atento, está exercitando o cérebro no sentido de controlar e concentrar essa atenção. O estado natural da mente humana, no entanto, é de desatenção. Robert Desimone, neurocientista do MIT, afirma: “Você precisa de muita força no seu cérebro pré-frontal para forçá-lo a não processar um forte estímulo [de distração]” (CARR, 2011, p. 95). Em nosso jogo – seu e meu –, demos a Moreira Campos um computador de bolso e transportamos um e outro para os dias de hoje. Junto a si, o contista tem agora o objeto que melhor explica nossa inserção num “ecossistema de tecnologias de interrupção” (CARR, 2011, p. 131): seu computador e toda a “cacofonia de estímulos” que nos atrai para ele, cujo encanto e prestígio são inseparáveis da distração que provoca. Com sua intuição de artista, Moreira Campos deixou claro que um dos maiores prazeres proporcionados pela leitura – o mergulho em outro universo ou no universo das ideias do escritor – estaria comprometido com a chegada da nuvem internética, programada para dissipar nossa concentração tão vastamente e para fazê-lo tão insistentemente. Quão incômoda, extemporânea e agourenta – como suas corujas – não é hoje a imagem de alguém fumando, fixando a

ponta do sapato, “perdido, alheado”, quando o mundo é uma festa de permanente desatenção, a multitarefa é rotina, a vida é on-line e o pensamento é forjado por surtos contínuos e acelerados.

2 TECNOLOGIA E HUMANISMO

Façamos um recorte de sua crônica datada de 8 de dezembro de 1989:

A mocidade não lê, esquece o livro. [...] No passado, pelo menos até a minha geração (que certa vez chamei de “geração do soneto”), o livro era, por assim dizer, o único refúgio e lazer. Hoje os apelos, os chamados, são muitos: o cinema, a televisão, o rádio, a praia, os múltiplos esportes, a pílula (o que perdi, meu Deus!). [...] Assim, o livro vem morrendo [...]. O assunto é complexo. Pedirá decerto uma série de comentários: a coletivização ou massificação do ensino, o despreparo de muitos já saídos desse próprio caldo, o domínio da tecnologia e economia divorciadas do humanismo, uma política de barateamento do livro. (CAMPOS, 2013, p. 220-222).

Nessa crônica, Moreira Campos estabelece uma relação - no meio de outras - entre o desinteresse da juventude pela leitura e o isolamento da tecnologia em relação ao humanismo. Há muito o que apreciar aqui.

O contista não poderia imaginar que algo nomeado NET viria a incorporar muitas tecnologias intelectuais por ele citadas: cinema, televisão, rádio... A NET, montada com inumeráveis computadores e bancos de dados interconectados, é hoje não só o que ele mencionou, mas também nosso gravador sonoro, nossa máquina fotográfica, nossa prensa, nosso mapa, nossa filmadora, nossa calculadora, nosso telefone, nosso relógio, nosso correio, nossa máquina datilográfica, nossa biblioteca... Essa revolução eletrônica faz do computador um companheiro assíduo, já indispensável, e faz da internet nosso meio preferencial de armazenar, processar e partilhar informações.

Moreira Campos ficaria feliz ao saber dessa “nossa biblioteca” tão acessível, mas parece haver aqui uma questão central para que se posicione a tecnologia digital em nossa ecologia da informação; afinal, toda solução traz consigo seus problemas. Fixemo-nos naquela questão, ligada à leitura: o choque entre *disponibilidade* e *capacidade*.

Adotamos a maneira praticamente instantânea da NET de coletar e distribuir informação. Somos fluentes em viajar de link em link em link... Estamos integrados a vários tipos de redes sociais e a outras nem tanto. Já logamos ter olhos para uma superposição de telas: televisão, computador, celular e mesmo outros dispositivos...

simultaneamente. Hoje, como diz Danah Boyd, que trabalha para a Microsoft, “nunca realmente somos capazes de nos desconectar” (CARR, 2011, p. 124). Quando Moreira Campos pensou em diferentes tecnologias, elas avançavam por vias distintas; agora, sendo a informação digitalizada, os limites entre as mídias se apagaram, e as novas tecnologias não só orientam o comportamento das pessoas como também – e sobretudo – moldam suas percepções. Como bons consumidores on-line, nossa mente está ajustada a extensões de atenção mais curtas; se o acesso à informação é fácil, tendemos a priorizar o que é breve e tangencial:

Dúzias de estudos de psicólogos, neurobiólogos, educadores e web designers indicam a mesma conclusão: quando estamos on-line, entramos em um ambiente que promove a leitura descuidada, o pensamento apressado e distraído e o aprendizado superficial. É possível pensar profundamente enquanto se surfa na net, assim como é possível pensar superficialmente enquanto se lê um livro, mas não é o tipo de pensamento que a tecnologia encoraja e recompensa. (CARR, 2011, p. 161-162).

Nosso cérebro aprendeu a tomar informações em espasmos rápidos, desconexos, superpostos, tornou-se uma mente frenética, para a qual a leitura profunda é um ato cognitivamente exaustivo. Essa leitura exige um investimento de recursos internos que muitos não se dispõem a fazer, e – pior – que muitos não *conseguiriam* fazer, mesmo se o desejassem. Temos à mão, hoje, uma preciosa e imensa biblioteca, mas será que conseguiremos lê-la a ponto de alcançar sua beleza e sua complexidade? Para Moreira Campos, isso seria duvidoso. É o que sugere seu *insight* sobre a “literatura do futuro”, examinada a seguir.

3 A “LITERATURA DO FUTURO”

Vejamos o início da crônica de 29 de fevereiro de 1992:

Sempre defendi a tese de que a literatura do futuro, senão já a de hoje, em termos de arte, há de limitar-se ao conto, à crônica e à poesia, pela essencialidade desses gêneros, o seu caráter de literatura rápida, una. Tal comportamento se observa até em relação ao jornalismo, ao colonismo deste, seus registros homeopáticos. Não nos resta tempo sequer, muitas vezes, para a leitura das próprias notícias, muitas delas já ouvidas na televisão. Limitamo-nos às manchetes. É o dinamismo exigido pelo momento que vivemos e que tende cada vez mais a agravar-se. (CAMPOS, 2013, p. 389-390).

Nesse extrato, destaca-se a ideia de que a velocidade da vida moderna (ou já pós-moderna) moldará a literatura da época. Trata-se de um exercício especulativo

bastante rico, exposto com a clareza e a naturalidade pedidas pelo gênero em que se encontra.

Moreira Campos percebeu que estávamos entre dois mundos tecnológicos. Desde a prensa de Gutemberg até a data de sua crônica, se haviam passado 547 anos, e o contista viu-se diante de uma nova ordem tecnológica, que já afetava a maneira de ler e de escrever literatura. Nosso mestre ainda não vislumbraria leitores cooptados pelas “tecnologias de interrupção” do computador, mas sentiu que neles e entre eles se instalava uma espécie de mente pós-literária. Ele também só pôde intuir o que estava mais adiante: a Web, que foi transformando mídias em mídias sociais, e isso modificou necessariamente não apenas a linguagem, mas os estilos de leitura e de escrita. Agora, com a passagem da “página privada para a tela comunal”, as pessoas passaram a ler “por uma questão de um sentimento de pertencimento”, em vez de ler por ilustração ou diversão pessoal (CRAIN *apud* CARR, 2011, p. 151). Seja porque a internet atrai nossa atenção apenas para quebrá-la, seja porque escritos viraram postagens, a maneira de ler mudou. E a esse respeito, há dois ângulos a ser avaliados: o declínio da leitura convencional de literatura e a forma como os usuários leem na internet.

Em 2004, o National Endowment of the Arts (NEA) constatou que “a leitura de literatura nos Estados Unidos não só diminuiu rapidamente em todos os grupos, como também o ritmo do declínio se acelerou, sobretudo entre os jovens” (MIEDEMA, 2011. P. 48). Três anos depois, Lindsay Waters, editor executivo de humanidades em Harvard, “mostrou que há uma crise mundial da leitura, resultante da nossa pressão global para a produtividade. As crianças estão aprendendo a ler rápido, saltando a fonética e diagramando frases; essas crianças não lerão Milton quando crescerem” (MIEDEMA, 2011, p. 72). É interessante observar que a razão dessa crise da leitura, identificada por Waters, coincide com a que, quinze anos antes, intuía Moreira Campos, se não vejamos: “É o dinamismo exigido pelo momento que vivemos e que tende cada vez mais a agravar-se” (CAMPOS, 2013, p. 390). O verbo “agravar-se” torna ainda mais valioso o seu *insight*.

Examinemos, agora, o segundo dos dois ângulos mencionados acima: a difusão recente de formas de ler nos computadores e na internet. Há um estudo muito referido do cientista dinamarquês Jakob Nielsen, especialista na interação entre homens e computadores, intitulado “How Users Read on the Web”, de 1997. A primeira frase do estudo é: “Eles não leem”. Não é difícil entender:

Setenta e nove por cento dos usuários pesquisados sempre corriam os olhos pela página, colhendo palavras e sentenças, de preferência a ler palavra por palavra. Os estudos de acompanhamento do olhar realizados por Weinreich et al (2008) constataram que, em média, os usuários da internet leem no máximo 28% das palavras que estão numa página. (MIEDEMA, 2011, p. 49).

Além dos problemas ligados à leitura de material impresso, portanto, somam-se os da leitura on-line, em que competem pela atenção do leitor vários links e janelas, abas e páginas, ícones multimodais, mensagens de e-mail, notificações de facebook, etc. Moreira Campos entrevistou, para leitores assim descontinuados, um novo modo dominante de leitura, não linha a linha, mas em “x”... e de pouca imersão. E, para eles, imaginou uma “literatura rápida, una”. O tempo vem confirmando esse prenúncio, com os escritores explorando um estilo mais ameno e acessível, e inclinando-se a um texto mais contraído (como, por exemplo, a nanoliteratura), proposto com sentenças curtas (como, por exemplo, o romance de celular).

E acerca da literatura canônica, o que pensaria nosso mestre contista? É o que conheceremos a seguir.

4 A LEITURA E A ESCRITA ACADÊMICAS

No tópico anterior, lemos o início da crônica de Moreira Campos publicada em *O Povo*, sábado, 29 de fevereiro de 1992. Leiamos agora a continuação dela:

Onde tempo hoje, por exemplo, para a leitura de um romance como *Guerra e Paz*, de mil e duzentas páginas, não obstante a sua grandeza imortal? Como ler *Dom Quixote*, constante de seis volumes, ou o chamado *roman-fleuve* de cinco, seis volumes? Em dias atuais não cabe sequer lazer para a leitura de *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco, com cerca de quatrocentas páginas. Tais leituras ficam restritas às universidades, a professores, a aficionados impenitentes da leitura. (CAMPOS, 2013, p. 390).

A leitura não é uma atividade natural dos seres humanos, afirma a pesquisadora Maryanne Wolf. Segundo ela, “nós não nascemos com genes para a leitura, mas reorientamos os circuitos neurais para possibilitar essa atividade. A leitura exige trabalho para a maioria das pessoas e é muito difícil para outras” (MIEDEMA, 2011, p. 98). Quando Moreira Campos prenuncia que a leitura dos clássicos se restringirá à academia, ele está expondo uma ideia introjetada em todos nós: a associação entre pensadores sensíveis a padrões sutis e a leitura profunda e assimiladora que são capazes de empreender. Tal ideia de relacionar a leitura lenta e acurada à

análise erudita remete inicialmente a religiosos e, depois, a estudiosos das humanidades, uns e outros buscando extrair camadas de significado em textos complexos.

No Velho Testamento, os profetas Ezequiel e Jeremias comeram livros por ordem divina, numa preparação para o seu papel como profetas. No Novo Testamento, um anjo disse a São João que comesse um livro, metabolizado depois como o seu *Livro das revelações*. Comer um livro simboliza a internalização profunda e pessoal de uma ideia, um ato íntimo que tem força transformadora. (MIEDEMA, 2011, p. 23).

Entendamos: quando o ritmo de leitura cai, tendemos a subvocalizar, uma atividade motora da língua que se assemelha à de mastigar e comer. Nos primórdios da Idade Média, quando não havia separação entre as palavras, lia-se em voz alta, porque soletrar as sílabas era indispensável à decifração da escrita – daí a surpresa de Santo Agostinho com a leitura silenciosa empreendida por Santo Ambrósio, relatada nas *Confissões*. A *scriptura continua* já estava obsoleta no século XIII, quando os sinais de pontuação passaram a tornar-se comuns, aliviando o trabalho do leitor no reconhecimento de imagens visuais de letras e de palavras. Segundo Maryanne Wolf,

[...] à medida que o cérebro se torna mais apto a decodificar um texto, transformando o que envolvia um exercício de resolução de problemas em um processo essencialmente automático, pode dedicar mais recursos à interpretação do significado. Torna-se possível o que chamamos atualmente de “leitura profunda”. (CARR, 2011, p. 93).

É provável, portanto, que no Renascimento a imagem do leitor proficiente já se associasse às galerias dos monastérios ou das universidades, imagem que se arrastou até os dias de hoje... Ou de ontem, quando dela se socorreu Moreira Campos. Relembremos o que escreveu: “Onde tempo hoje, por exemplo, para a leitura de um romance como *Guerra e Paz*, de mil e duzentas páginas [...]?”. Essa seria uma leitura “restrita às universidades”, segundo ele.

Em seu livro inspirador, aqui citado, Nicholas Carr reproduz trecho de sua conversa telefônica com Bruce Friedman, patologista, docente da Escola de Medicina da Universidade de Michigan, que lhe teria admitido: “Não consigo mais ler *Guerra e Paz*” (CARR, 2011, p. 20). E, logo adiante, Carr destaca a fala de Katherine Hayles, professora de literatura inglesa da Universidade de Duke: “Não consigo mais fazer com que meus alunos leiam livros inteiros” (CARR, 2011, p. 22).

Embora tenha pressentido a nuvem internética, nosso contista não poderia imaginá-la como é: ubíqua, intensa, implacável. Os professores de hoje, muitos de formação analógica, ainda parecem conseguir tocar as riquezas da net sem a cessão de

sua mente linear, literária, mas apresentam quase uma postura de resistência heroica a um mundo que, talvez para sua consternação, não mais pode ser “destecnologizado”... A universidade, no entanto, é feita – também – de estudantes, e muitíssimos deles se logam praticamente durante todo o dia. Quando levantamos para debate essa “questão *Guerra e Paz*”, eles mostram-se angustiados com a sobrecarga de informação, sentem precisar de uma desintoxicação digital, manifestam dificuldade de pensar abstratamente e, especificamente quanto à leitura de livros – impressos ou virtuais –, lamentam que sua concentração se desfaça após a décima página (às vezes, antes dela).

Moreira Campos previu, de certa forma, um nicho específico de leitores. Ele assinaria – certamente entristecido – o artigo escrito em 2005 por professores da Northwestern University, para o *Annual Review of Sociology*, no qual concluem que, em nossa história intelectual, a era da leitura (de livros) em massa foi episódica:

Agora estamos começando a ver o retorno de tal leitura à sua base social anterior: uma minoria autoperpetuante que denominaremos como classe leitora”. A questão que resta a ser respondida, prosseguem, é se essa classe leitora terá o “poder e prestígio associados com uma forma cada vez mais rara de capital cultural” ou será vista como os praticantes excêntricos de “um hobby cada vez mais oculto. (CARR, 2011, p. 153).

5 REAÇÃO: O SLOW MOVEMENT

I. A AÇÃO

Um dos primeiros computadores do mundo, o Eniac, foi produzido em 1946; essa maravilha eletrônica tinha 18.000 válvulas e pesava 30 toneladas. O computador pessoal apareceu na década de 1980, em cujo final a máquina datilográfica já estava sendo substituída pelo computador. Na década de 1990, tinha-se a integração generalizada dos computadores pessoais com a rede, e os primeiros *e-books* foram apresentados ao mercado. Poucos anos foram necessários para a Web tornar-se dominante... Moreira Campos morreu em 6 de maio de 1994, aos 80 anos.

II. A REAÇÃO

Já há alguns anos, por todo o mundo, um número crescente de pessoas vem posicionando-se contra as inesgotáveis exigências de produtividade da vida moderna e pós-moderna. Essa reação tem um nome: Slow Movement. Podemos datá-lo de 1986 e

localizar-lhe a origem na Itália. Tudo se iniciou quando o McDonald's abriu mais uma lanchonete, esta no centro histórico de Roma, e o jornalista Carlo Petrini encampou uma série de ações contra o *fast-food* e fundou o movimento Slow Food, que prega os prazeres e as gratificações de comer alimentos sempre frescos, da época, produzidos através de práticas agrícolas sustentáveis e consumidos na região em que se produzem. Em 2008, o Slow Food International já estava em 132 países. Esse movimento inspirou outros, como o Slow Cities, que rapidamente se vem alastando pelo mundo. Nessa esteira, desenvolveu-se a *slow reading*, uma prática voluntária de leitura lenta, que vem, num ritmo acentuado, conquistando leitores que se sentiam frustrados e angustiados com a sobrecarga de informações impostas pela vida internética.

A *slow reading* não é o inverso da leitura dinâmica; ela é a busca pelo retorno do prazer da leitura. Embora reconheça a eficiência da tecnologia digital, a *slow reading* deseja marcar sua posição como atividade que, considerando “perder tempo” e transportando o leitor para longe do momento presente, envolve profundamente a psique, ao fixar sentimentos estéticos e ao capacitar-nos a desenvolver cadeias lógicas mais complexas. A psicologia e a neurociência sugerem que na literatura, como na vida, a pausa e a concentração são essenciais à compreensão do todo.

Durante a vida, uma pessoa só consegue ler cerca de 5.000 livros. É pouco, é pouquíssimo, mas a vida é curta – e é preciso aceitar essa ideia. Escolhamos nossos livros queridos e, quando estivermos com um deles, esqueçamos momentaneamente os demais; é assim que alcançaremos o prazer que a leitura oferece e as realizações com que ela nos forma, em sua maneira toda única de realizar.

Quanto ao nosso brilhante Moreira Campos, hoje com cem anos de idade, imaginemos que ele pudesse escolher entre o paraíso clássico e o infoparaíso. Qual escolheria?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Moreira. **Porta de Academia**. Fortaleza: UFC, 2013. 599 p.

CARR, Nicholas. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011. 311 p.

MIEDEMA, John. **Slow reading**: os benefícios e o prazer da leitura sem pressa. São Paulo: Octavo, 2011. 125 p.